



Terra de ninguém, dos Açores à Galiza via DocLisboa

Jorge Mourinha

E, chegados a meio do caminho, surgem dois grandes filmes na competição portuguesa do Doc. Grandes no modo como filmam e pensam os seus temas, entrelaçando o político e o pessoal de modo extraordinário.

Deportado, de Nathalie Mansoux (Culturgest, hoje, 19h, e São Jorge, na quinta, 21h30) parece começar por ser mais uma denúncia do serviço de estrangeiros americano, invocando o *Vol Spécial* de Fernand Melgar. Estamos na comunidade luso-americana de New Bedford e ouvimos as histórias de filhos de emigrantes deportados para os Açores à conta de delitos menores ou erros já corrigidos. Mas não é tanto o lado político que Mansoux quer explorar, antes as consequências humanas de decisões aleatórias e burocráticas, que atiram para um limbo sem saída gente que já nada liga aos Açores e que está impossibilitada de retomar a sua vida nos Estados Unidos. A terra prometida traiu as suas promessas e o “velho mundo” nada tem para lhes oferecer; Mansoux retrata de modo devastador mas sem condescendência os dias sem futuro de gente presa numa “terra de ninguém”, prisioneiros de um estigma kafkiano.

Terra de Ninguém é o título do filme de Salomé Lamas (Culturgest, amanhã, 21h30, e São Jorge, sexta,

16h) que se instala de corpo inteiro na questão da identidade. Identidade de tema – Paulo de Figueiredo, ex-comando tornado mercenário conta a sua história frente à câmara – mas também de formato – *Terra de Ninguém* inscreve-se na forma tradicional do documentário, mas, pela natureza da história do Portugal pós-revolucionário que Paulo conta, levanta questões sobre a natureza da realidade e sobre o próprio documentário enquanto seu registo. Salomé Lamas tem trabalhado na fronteira entre a arte e o cinema, e ao explorar de modo assumido esse limbo, *Terra de Ninguém* é tão fascinante conceptualmente como absorvente narrativamente. E mais não dizemos.

Há um terceiro limbo a merecer atenção na competição internacional. Com um notável trabalho de *design* sonoro a cargo de Vasco Pimentel e Tiago Matos, *Arraianos*, do galego Eloy Enciso Cachafeiro (Culturgest, hoje, 21h30 e Londres, quinta, 19h15), parte de escritos do dramaturgo Jenaro Marinhas do Valle para criar um “realismo mágico” à volta da vivência rural remota, quase um *Brigadoon* parado no tempo. Na corda bamba entre a ficção e a realidade, está algures entre o “cinema do real” de *Fogo* e o registo etnográfico de *Sobre Viver*; os momentos mais abertamente encenados quebram o encanto, mas não a sedução do projecto.



Terra de Ninguém trabalha na fronteira entre a arte e o cinema